

Revista

ENTREVISTA REJANE PAIVA

ARTE DO CERRADO NA EUROPA

EX-REGENTE DO CORO MUNICIPAL FALA DO PROJETO QUE A TROUXE NOVAMENTE A UBERLÂNDIA E DE SUA VIDA NO EXTERIOR

CARLOS GUIMARÃES COELHO
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quem transitou pela cena cultural dos anos de 1980 e 1990, certamente, se lembra da figura de Rejane Paiva. Artista atuante nas áreas de música e artes visuais, ela deixou sua marca na história da cultura local. A ex-regente do Coro Municipal de Uberlândia deixou o país há mais de uma década, morando em Portugal e atualmente na Suíça. Há algumas semanas, Rejane Paiva esteve em Uberlândia, cidade com a qual mantém vínculo artístico. Ela integra a equipe do projeto de um livro que resgata arranjos inéditos de Noel Rosa para o canto coral, a ser editado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Sobre sua passagem pela cidade e as transformações culturais e artísticas em sua vida, a artista falou com exclusividade ao CORREIO de Uberlândia.

CORREIO: Você trocou o Brasil pela Europa há 12 anos. Foi uma decisão repentina?

REJANE PAIVA: Não. Foi uma decisão pensada e amadurecida: mudei-me do Brasil porque, após dois anos de relacionamento com um português, decidimos nos casar. Lisboa seria a melhor escolha para ambos, tendo em vista nossas perspectivas profissionais, de adaptação e qualidade de vida. Contudo, eu não troquei o Brasil: eu não troco o Brasil por nada. O Brasil é minha pátria, o lugar para onde eu sempre volto, minha referência, meu porto seguro. Mas Portugal é uma imensa paixão, um país que aprendi a amar. É a continuidade do que considero pátria.

No cerrado você teve um trabalho de destaque na área de artes visuais e de canto-coral. Como essa vertente artística permaneceu em Portugal?

Quando você chega a uma cultura estrangeira, é importante observar, ver, ouvir. Você tem que construir tudo de novo. Tendo uma alma inquieta, usei essa fase de adaptação e observação para o estudo acadêmico. Fiz outra graduação e novo mestrado em Musicologia Histórica, pela Universidade Nova de Lisboa. Depois integrei-me à equipe de pesquisadores do Centro de Estudos de Sociologia e

“

Para mim é uma alegria produzir em Uberlândia

Estética Musical daquela universidade e passei a trabalhar com edições críticas de óperas do século 18. Ali publiquei algumas obras importantes, escrevi artigos para revistas especializadas e assinei verbetes de encyclopédias de música. Paralelamente fiz parte por nove anos do Coral Lisboa Cantat, quando tive a oportunidade de, integrando o naipe dos contraltos, cantar com as mais renomadas orquestras, como a Sinfônica de Varsóvia; trabalhar junto a outros coros como o da Fundação Gulbenkian e o do Teatro São Carlos; e ainda cantar com solistas internacionais como o argentino José Cura ou grandes nomes da música popular portuguesa como Luís Represas, e o fadista Nuno da Câmara Pereira. Me dediquei ao aprendizado da técnica de pintura em porcelana, que aqui no Brasil ainda é pouco explorada pelos artistas plásticos, ficando mais restrita ao campo do artesanato.

Como você enxerga hoje, e como enxergava antes, a relação cultural entre Portugal e Brasil? A riqueza e diversidade cultural brasileira é apreciada por nossos antigos colonizadores ou, a exemplo de outros países, há muito estereótipo?

Eu quase ousaria dizer que os portugueses conhecem mais do Brasil do que a maioria dos brasileiros. Eles são apaixonados pela nossa cultura, estudam a nossa história mesmo após o período colonial, nossa geografia, são interessados em como solucionamos as questões da vida cotidiana, seja do ponto de vista da educação, da política ou da ecologia. Não quer dizer que haja alguma mitificação: Portugal sabe o que consideram nossos maiores problemas a evitar, quais são as boas experiências a imitar e quais são nossos grandes acertos a apreciar. Encantam-se com a nossa música e nossa televisão. Mas algo que hoje tenho claro é que Portugal é um país que valoriza a tradição. A nós brasileiros, sinto que falta tradição: nós valorizamos a criatividade, a novidade. Essa experiência de viver nos dois países, deu-me o que considero uma formação quase que ideal: a somatória de tradição e criatividade.

Depois de uma década em Portugal, você se transferiu para a Suíça. Por quê?

Meu marido recebeu uma ótima proposta de trabalho

lá. Como eu, a princípio, poderia continuar meu trabalho de musicologia trabalhando fora do país, decidimos-nos pela mudança para Zurique. Foi recomeçar tudo outra vez.

Mesmo distante, você está desenvolvendo um projeto em parceria com a Diretoria de Cultura da UFU. Que projeto é este? E como se sente em reatar, depois de mais de uma década, o seu vínculo cultural com a cidade?

O projeto é a publicação de um livro com 20 arranjos inéditos de sambas bem-humorados de autoria do poeta da Vila. Por ocasião do centenário de Noel, notamos quão poucos arranjos de sua obra haviam disponíveis no mercado para os cantores de coros ou grupos vocais. Também há carência de informações sobre sua importância e contribuição para a nossa música. Fizemos uma parceria: O maestro Alexandre Zilahi, que morou e trabalhou alguns anos em Uberlândia, criou os arranjos e eu fiz o trabalho de edição musical e o aparato de sua contextualização histórico-cultural dentro da música popular brasileira. Foi um trabalho fascinante. Fizemos a proposta para a Diretoria de Cultura da UFU, entramos com o projeto nos trâmites adequados e tivemos a satisfação de vê-lo aprovado pelo conselho. Para mim é uma alegria produzir em Uberlândia. É uma forma singela de retribuição ou contribuição. Adoro trocar com meus pares nesta cidade, tanto músicos, artistas plásticos, agentes culturais, quanto amigos de diversos meios.

“

Tenho imensas saudades... saudades de falar a mesma língua

Tem saudades daqui? Que lugar ocupa, em sua memória, o saudoso Coro Cênico Municipal e suas leituras visuais do cerrado?

Tenho imensas saudades. Saudades de falar a mesma língua, e não digo só o idioma, mas a mesma linguagem cultural. Vi inúmeros coros atuando, cantei com vários agrupamentos musicais, alguns com uma qualidade técnica impercavável! Contudo, acho que nunca conheci outro grupo com a mesma vontade de trabalho do Coro Municipal que foi um grande estímulo para mim. Quando faço um projeto como esse com



Rejane Paiva deixou o país há 12 anos e atualmente vive na Suíça, após período em Portugal

a Dicul, apesar de destiná-lo a um público mais amplo (será uma edição trilingüe: português, inglês e francês), é no meu antigo Coro que penso. A relação com o mundo passa pela individualidade, pela nossa cor local, e a minha sempre vai ter a cor do cerrado. Mesmo morando em meio àquela paisagem de folhinha, com as vaquinhas malhadas pastando tendo os Alpes como pano de fundo, a minha saudade tem o cheiro do cerrado que eu tão bem aprendi a apreciar enquanto andava pela periferia da cidade, pelos distritos de Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, pelas margens do Rio Claro, fazendo aquarelas da paisagem de troncos retorcidos e do céu de Uberlândia que não tem igual.

Continua pintando? Ainda prevalece a técnica de aquarelas em seu trabalho?

Continuo. Diminui a produção de aquarelas. Fiz incursões pelo bordado e recentemente por uma técnica nova para mim, que descobri ter muito em comum com a aquarela: a pintura em porcelana. A porcelana oferece infinitas possibilidades e há muito a explorar tecnicamente do ponto de vista plástico.

Pensa em retornar algum dia para o Brasil?

Por que não? Mas não tenho



OFICINA DE CORDEL TEM AVALIAÇÃO POSITIVA PÁGINA B3

SELF SERVICE SIBIPIRUNA.

Uma boa desculpa para ir ao bar durante a semana.

SIBIPIRUNA BAR

Almoço de segunda a segunda.

“

Não conheci grupo com a mesma vontade de trabalho do Coro Municipal

Meu marido recebeu uma ótima proposta de trabalho

planos concretos. Aproveito as situações de aprendizado que a vida me oferece.

Em sua vinda a Uberlândia, você encontrou uma cidade diferente?

Nos últimos três anos foi um salto enorme! A interligação entre os bairros periféricos, obras por toda a cidade, novas vias de escoamento do tráfego, a UFU foi ampliada, há novas faculdades particulares, hospitais, serviços... O comércio teve um crescimento exponencial. Não sei se as infraestruturas acompanharam na mesma proporção. Isso só se percebe quando se habita um local. É difícil crescer. Quando isso acontece, a nova cidade assume ares de poema e nela cabe mesmo o lirismo.. Vi a recuperação que fizeram do Mercado Municipal, não só em termos de espaço físico, mas em termos de ocupação, de estabelecimento de uma política cultural específica e quanto ao que ele representa no imaginário da população. Achei ótima a proposta que a Secretaria de Cultura desenvolve ali. Falta alargar este tipo de ação para outros locais, como o Teatro Grande Otelo, ampliar e criar outros equipamentos adequados voltados para a dança, o teatro, a ópera, o cinema, o circo itinerante, os concertos, as exposições, a leitura e as novas mídias, para falar apenas da minha área.

Por que não? Mas não tenho